

Andréa Zamorano

A Casa das Rosas



QUETZAL língua comum

«Cada qual cuide de seu enterro, impossível não há.»

— JORGE AMADO

A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água

Parte 1

Antes de tudo

1



DEPOIS DESSE MOMENTO, só me lembro do escuro. Acho que desmaiei com a bofetada. Ouvi um choro de criança baixinho ao longe, senti-me aliviada. Apesar de não conseguir ver, soube que a minha filha estava viva.

O tempo passou — não sei quantas horas passaram — tive cada vez mais fome. Depois veio uma sede tremenda. Abri os olhos, não vi nada. Só o escuro. A sede, a fome, depois mais sede e escuro. Tive uma sensação estranha, tentei mover-me, não consegui, era apertado, soube que estava no quarto de Virgílio porque ouvi as vozes. Lá estavam: ele, as empregadas, *Seu* Raimundo e a minha filha.

Estou aqui! Gritei com todas as minhas forças, mas o som não saiu. Estaria em coma? Quanto tempo passaria até que acordasse? Pelo cheiro, tive a impressão de estar num sofá muito estreitinho, ao lado da consola com o jarro de rosas que o *Seu* Raimundo traz todas

as semanas. Durante algum tempo, ouvi tudo. Pude compreender que Virgílio aprendeu a amar Eulália. A sua voz era muito apaixonada quando brincava com ela, doce e terna como a que me cativou. Aquilo amparou-me em alguma medida, retirou-me a angústia.

Parei de ouvir.

Sei que a minha filha entra às vezes aqui no quarto, reconheço os seus passos. Ela nunca diz nada, sei apenas que está aqui para respirar o mesmo ar que eu. Não me importo de estar morta para todos, pois sei que continuo a viver na clausura deste espaço.

2

O SEU CHÁ JÁ ESTÁ PRONTO.

Você quer dizer o «seu» chá?

Desde o início, você sempre gostou de chá.

Nunca disse isso.

Mas é o melhor de todos os *english breakfast*.

Não gosto de chá.

Desci para a varanda e até bebi o chá, mais por receio de prejudicar a minha filha, ainda nem nascida, do que propriamente por Virgílio. Para ele, aquele era o momento mais feliz do nosso dia, beber o chá na varanda, contemplando as rosas de *Seu* Raimundo. *Seu* Raimundo — a única pessoa a quem ele pode chamar família — e as suas rosas sempre estiveram presentes. Quando o seu avô morreu, quando nos casámos no jardim, quando a sua filha nasceu. Se pudesse prever o futuro, decerto não estaria aqui.

Naquela altura, eu acreditava que algumas coisas só aconteciam na ficção, não no mundo real. Deveria ter desistido logo. A sua ternura era tão dedicada, tão sedutora. Acreditei que, a seu tempo, encontraríamos o equilíbrio.

Hoje, tenho muito medo de Virgílio. Nem por sombras quero que se lembre de me procurar.

A nossa casa é enorme. Quando os primeiros Sá Vasconcelos chegaram a São Paulo, as residências tinham as proporções da burguesia em crescimento, só mais tarde seria o início das Avenidas. Com os anos, a passagem do tempo, foram sendo substituídas pelos prédios, e a casa permaneceu uma ilha de estabilidade e calma, e até, de certa forma, de resistência.

Morri para ele e para todos os que nos rodeavam. Eles têm uma pena enorme por eu o ter abandonado e deixado uma criança recém-nascida. Um escândalo. Logo ele, sem qualquer vocação. Cabe-me a solidão imposta pelas horas eternas.

Nunca mais manhãs ensolaradas, nunca mais passeios no parque, nunca mais riso de criança. Faz sempre muito frio aqui.

3

INVENÇÃO? É UMA REVISTA NOVA?

Sim. Mais ou menos.

Leminsky¹? Parece difícil. É comunista?

Tive de rir com certa malícia pretensiosa.

Não é dos mais fáceis. Exige a sua atenção, como todos os poetas interessantes. Mas é daqui do Paraná mesmo — respondi.

Já não gosto.

Por ser do Paraná ou por não ser comunista?

Por roubar o que deveria ser apenas para mim, a sua atenção.

¹ Paulo Leminsky (Curitiba, 1944-1989), poeta, ensaísta e tradutor brasileiro, colaborou na revista literária *Invenção* (1962-1967), criada pelos fundadores da Poesia Concreta. *Invenção* também foi o nome de um suplemento do jornal *Correio Paulistano*, que divulgou a nova poesia, publicado nos anos de 1960-1961.

Ridiculamente piegas.

Virgílio riu-se muito, nunca mais me largou depois daquela tarde de *A Poesia Invade as Arcadas*, em que nós, os ideólogos da Rua Maria Antônia, ocupámos o berço das primeiras oligarquias, no Largo São Francisco, herdeiros ainda do Vale do Paraíba¹. Começámos a namorar.

Desde cedo que se ofereceu para me ajudar. Recusei. Mas Virgílio era diferente, não receou casar-se com alguém que na vida não tinha mais do que a si mesma. Não queria que me atrasasse com a monografia para podermos casar-nos; no fundo, pareceu generoso. Fantasiava comigo sendo sua mulher a tempo inteiro. No início,

¹ Arcadas, em alusão à sua arquitetura, é um dos nomes pela qual é conhecida a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP), também conhecida como Faculdade de Direito do Largo São Francisco; Maria Antônia é uma rua da cidade de São Paulo, na Consolação. Na década de 60, durante o período da ditadura militar brasileira, a rua foi palco constante de manifestações estudantis. Encontrava-se aí a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), transferida para o bairro do Butantã após a Batalha da Maria Antônia, em 1968.

O confronto entre estudantes da FFCL-USP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie (apoiantes do regime militar) terminou com a morte de um estudante e com o endurecimento das medidas de repressão; Vale do Paraíba — principal região produtora de café, localizada entre São Paulo e o Rio de Janeiro, controlada pelos «Barões do Café» até quase ao final do século XIX, quando a produção se transfere para o Oeste Paulista. (*N. do E.*)

a ideia de ficar em casa não me agradou. Mas acabei por ceder. O conforto é sempre muito tentador. Casámo-nos.

Da minha família, só me restava uma tia em Presidente Prudente, tão doente que nem para a cerimônia foi capaz de se deslocar a São Paulo. Os meus colegas de Letras condenaram-me ao ostracismo por me ter vendido ao capital. Virgílio, então, fez questão de não ter convidados nem mandar uma nota para imprensa; contou apenas com a presença das testemunhas: dois empregados do seu escritório — dado que *Seu* Raimundo não sabia assinar — e o juiz que oficializou a união. Foi tudo muito discreto. Quis que fôssemos apenas nós os dois, um para o outro, que não houvesse o mundo lá de fora, muito menos o daquela altura, tão opressor.

Confesso, fiquei arrebatada pela sua ternura. Não senti culpa por deliberadamente me deixar alienar.

Os dias passavam, tudo em torno de Virgílio se foi tornando objeto do meu sentimento: a casa, as rosas, *Seu* Raimundo e aquele acervo de lembranças — estávamos sempre ao alcance do seu olhar. O jardineiro fazia-me lembrar um grifo, na sua ambivalência entre a força e a sabedoria, quase sempre calado, guardando as suas rosas, quiçá, até nós próprios. Com o tempo, além do meu nome, fui arrancando dele alguns monossílabos:

«Sim, dona Cândida. Não, dona Cândida.» Depois vieram poucos vocábulos, ainda sem grande expressividade, e a seguir algumas orações absolutas. Por fim, já me oferecia frases inteiras repletas de subordinadas, que se iam deixando ordenar calmamente pelos fragmentos de memórias de um homem generoso com os sentimentos — talvez por força da sua profissão. Era fácil compreender a doçura e, ao mesmo tempo, os caprichos de Virgílio, que teve por aio alguém incapaz de lhe dizer «não».

Seu Raimundo foi revelando que, desde pequeno, «o senhor doutor era tihoso. Tudo tinha de ser do seu jeito. Muitas vezes, o avô se arreliaava com as suas teimosias» e ele, Raimundo, acobertava as artimanhas, por pena do rapaz. Em menino, Virgílio lembrava-lhe um «passarinho caído do ninho», frágil e desamparado, a requerer atenção constante. Os seus olhos cor de esmeralda, como dizem ser o mar que o Raimundo nunca viu, eram muito persuasivos. Isso também eu sabia. As suas asas foram-se tornando cada vez maiores.

Fomos relativamente felizes no início, apesar de os indícios terem sempre existido — ali não os conseguia identificar. Virgílio tinha as suas manias, mas exprimia diariamente o seu afeto em gestos simples, não via porque não lhe retribuir fazendo as suas pequenas vontades.

Mesmo assim, nada fazia prever que a gravidez fosse o gatilho. Enquanto eram só os enjoos ainda se controlou, quando a barriga começou a crescer, a rejeição foi frenética:

Gorda. Como é que consegue viver com essa barriga enorme? Parece uma porca parideira. Não posso ter uma esposa cheia de manchas na cara. Com nariz de batata e lábios grossos como uma negra. Como é que vou aparecer nas reuniões do partido com você? O único neto do Sá Vasconcelos casado com uma aberração.

Aos cinco meses perdi a autorização para sair de casa, ainda que fosse só até à «afamada» varanda que dá para o jardim com as rosas. *Antígona*, reescrita por Virgílio. A ironia precipitava-se.

Ele prosseguia com a sua rotina, evitando a minha presença. Conseguimos alguma paz quando me transfereu para o quarto verde, o de hóspedes. Nunca recebíamos visitas, ele não se relacionava com nenhum parente, e eu só o tinha a ele. Perto do fim, decidiu que não deveríamos cuidar do bebé.

Duas empregadas chegam amanhã para tratar da criança.

Empregadas? Eu vou cuidar do meu filho.

Melhor sermos só os dois.

*

Tomei as minhas decisões em silêncio. Voltei do hospital e entrei em casa com Eulália ao colo, pela mão calejada de *Seu* Raimundo, que me encaminhou diretamente para o monumental quarto de Virgílio. Todas as minhas coisas já tinham voltado para lá. Ele não — só chegaria à noite.

Olhei-me no espelho, de pé, e vi-me de novo magra, ainda flácida, diferente — estava mais bonita, feliz, segura. Sabia que tinha chegado a hora.

Mandei descer as empregadas, tranquei-me sozinha. Quando já estava tudo pronto, sem nunca largar Eulália, chamei um táxi pelo telefone do quarto. Deixei um bilhete para Virgílio. Pedi a *Seu* Raimundo que me ajudasse a descer com as malas — a bagagem nem chegou ao hall. Como que adivinhando, vi o carro de Virgílio no portão grande da casa, acelerando.

Azar.

Tive medo que me trocasse pela criança. Perdão, por favor.

Sinto muito, mas não dá.

Você está muito cansada do parto, vamos entrar e falamos com calma.

Não vou entrar. Vou sair.

Sai você, a criança fica.

A criança se chama Eulália, Virgílio.

O táxi chegou e as duas empregadas enfiaram-se lá dentro, correndo. Ainda tentei argumentar, pedi para saírem. Virgílio agarrou-me pelo braço.

Ninguém me abandona.

Foi a última coisa que ouvi. Agora, sempre que ele entra no quarto, respiro baixinho para que não me ouça.